

# A imprensa e a Copa do Mundo como festa da nação

## The press and the World Cup as festivity of the nation

**Filipe Mostaro**

Jornalista (UFJF) e mestrando em Comunicação (Uerj)

### **Resumo**

A Copa do Mundo pode ser considerada uma festa. Abordada como tal nos meios de comunicação, o evento, indubitavelmente, mobiliza a sociedade brasileira a cada quatro anos. Neste artigo, buscaremos, em diferentes autores, elementos teóricos que constituam um entendimento do que é festa, passando pela construção do futebol como identidade nacional na década de 1930. Analisaremos como as narrativas midiáticas, em especial os jornais, ajudam a reproduzir esta ideia e como os elementos constitutivos da festa fazem o país parar, a fim de acompanhar a seleção brasileira durante a competição.

**Palavras-chave:** festa; futebol; Copa do Mundo de 1962; identidade nacional.

### **Abstract**

*The World Cup may be considered a festivity. Addressed as such in the media, this event assuredly mobilizes Brazilian society every four years. In this article, we seek in many authors theoretical elements that constitute an understanding of what is a festivity, regarding the construction of football as national identity in the 1930's. We analyze how media narratives, especially in newspapers, reproduce this idea e how the constitutive elements of a festivity make the country stop in order to keep up with the Brazilian team during the competition.*

**Keywords:** festivity; football; 1962 World Cup; national identity.

## INTRODUÇÃO

A Copa do Mundo da Fifa é um evento que paralisa o Brasil. Desde a Copa de 1938, disputada na França, acompanhar os jogos da seleção brasileira se tornou uma grande festa. Depois deste torneio, o futebol passou a ter um significado importante para a identidade cultural brasileira. Com um time miscigenado e que “respeitava” as supostas verdadeiras raízes nacionais, o brasileiro passou a se identificar com a nossa seleção.

O mito de idealizar o brasileiro através do futebol encontrou nas festas durante as competições da Fifa seu rito. Reunir-se para torcer pela seleção se tornou um costume que se enraizou na cultura brasileira. A mídia passou a abordar a Copa do Mundo como uma festa da nação e a desenvolver narrativas para solidificar esse pensamento. No presente artigo vamos analisar o matérias do *Jornal do Brasil* logo após o bicampeonato brasileiro no Chile, em 1962. Procuraremos identificar os aspectos e os elementos da festa usados pela imprensa para reproduzir a paixão e o estado de efervescência coletiva encontrados na sociedade brasileira durante o evento.

## O FUTEBOL COMO CULTURA NACIONAL

O cenário esportivo midiaticizado é extremamente fértil para a construção de identidades, ídolos, heróis e mitos relevantes para uma sociedade, de acordo com Helal (2001). Assim, é profícuo entendermos o momento e o contexto históricos dessa idealização do brasileiro através do futebol. “O contexto social no qual as teorias são empregadas, além de ser condição de produção da interpretação que será realizada, fornece também as condições de possibilidade dos esquemas interpretativos por elas oferecidos” (BARROS; JUNQUEIRA, 2009, p. 34). A nação não seria apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos, um sistema de representação cultural. As pessoas participam da ideia de nação e, assim, a cultura nacional se torna uma característica-chave da industrialização e um dispositivo da modernidade. Nesse contexto, o período varguista do Estado Novo foi um momento em que se pregava uma nova visão do povo brasileiro. Nesse panorama, as discussões propostas por Freyre a partir da publicação de *Casa-grande e senzala*, em 1933, como a integração racial, ajudaram a estabelecer um novo horizonte nas formas de pensar o Brasil, que se coadunavam com os ideais de Vargas

Os trabalhos de Gilberto Freyre possibilitaram uma visão original dos fundamentos do povo brasileiro. Neles, o negro, o índio e o colonizador português sempre tiveram fundamental importância numa sociedade ajustada às condições do meio tropical e da economia latifundiária. A sua mensagem, de um Brasil antirracista e democrático, representou um divisor de águas no processo cultural brasileiro, influenciando a ideologia oficial do Estado Novo ao compor a figura da democracia racial (SOUZA, 2008, p. 187).

Nesse contexto, o futebol se consolidou na sociedade também na década de 1930. Jogado pelas elites no final do século XIX, o esporte tinha o status de

uma “cultura erudita”, praticado pelos *sportmen* de alta classe social. Em meados da década de 1910, o futebol se popularizou e passou a ser praticado por grande parte da população, recebendo a alcunha de “cultura popular”. Na década de 1930, o esporte bretão começou a deixar a dicotomia entre erudito e popular e se tornou uma cultura nacional, mais híbrida, absorvendo os elementos desses dois momentos distintos, igualando, assim, suas diferenças. Dentro desse panorama, o primeiro ponto importante a se destacar foi a presença forte do negro nesse esporte, ganhando um destaque na sociedade que ele nunca teve. Com as transmissões radiofônicas, Leônidas da Silva e Domingos da Guia, negros, ganharam status de ídolos nacionais. Tal fato servia para reforçar as ideias de democracia racial de Freyre, passando o futebol a ter uma importância fundamental nesse cenário. Outro ponto importante que também se assemelha às ideias apresentadas anteriormente foi a profissionalização do esporte. Os negros passaram a enxergar o futebol como uma forma de ascensão social e econômica em uma sociedade que, até então, não lhes proporcionava isso.

Apesar da resistência de alguns segmentos mais conservadores, o crescimento da ideologia da construção de uma identidade de povo e de nação, fundada no imaginário do mulato, colabora para a profissionalização. A influência negra e indígena, que no início do século era considerada a negação na identidade Brasil, é agora vista como o fundamento de uma ideologia nacional, a brasilidade. Aliás, uma cultura política que não ficou restrita ao período Vargas (1930-1945), mas que perpetrou também a fase nacional-populista subsequente (RIBEIRO, 2003).

Segundo Helal e Gordon (2001), a presença do negro nesse esporte fez com que se acreditasse que as qualidades do futebol brasileiro fossem oriundas de “predisposições raciais”, tais como malícia, ginga e musicalidade. Para Soares e Lovisolo (2003), as imagens do que se determinou chamar de “estilo brasileiro de futebol” são a da alegria, a do improviso, a dos dribles, a das firulas e serviram para a construção dos sentimentos de pertencimento a uma nação miscigenada. Dessa forma, a miscigenação se torna elemento principal de nossa singularidade, e o futebol passa a ser visto como sintetizador de nossa cultura. “O futebol leva a marca profunda da cultura, da música, da dança e da luta, dos que dela se apropriaram em cada contexto nacional ou regional” (LOVISOLO, 2001, p. 96).

Através da miscigenação, o estilo brasileiro (*beautiful game*) é narrado como um modo singular de uso do corpo, uma técnica corporal, interpretada ora como socializada culturalmente (MAUSS, 1974), ora como um produto da miscigenação racial, na versão da fábula das três raças, segundo a qual o cultural se confunde com a expressão biológica. (BARTHOLO; SOARES, 2011, p. 53)

A Copa do Mundo de 1938 ajudou nessa construção. Sendo o único representante sul-americano no mundial disputado na França, o futebol nacional foi, segundo Franzini, enaltecido pelos jornais anfitriões: “Reuniam qualidades de malabaristas da bola e uma habilidade estupefante para executar movimentos difíceis, individuais e muito longe dos gestos clássicos do futebol” (2003, p. 48). Para Soares e Lovisolo, o modo singular de jogar dos brasileiros

foi elaborado “em densas narrativas até se tornarem marcas de autenticidade, de diferença, de distinção, em resumo, de identidade” (2003, p. 138).

As observações sobre a Copa do Mundo de 1938 proporcionaram ao autor de *Casa-grande e senzala* a identificação de um estilo autêntico de se jogar futebol no país. Em notas do seu livro *Sociologia* (1943), Gilberto Freyre contrapõe o futebol-arte brasileiro ao futebol científico europeu. Ao amoldar o esporte bretão ao jeito típico de jogar do mulato, o brasileiro privilegiou a qualidade individual em detrimento da organização coletiva. A diferença baseada na habilidade e na surpresa seria a chave decifradora do sucesso brasileiro apresentada pela equipe em partidas internacionais (HOLLANDA, 2004, p.62).

Assim, durante a Copa do Mundo de 1938, ocorreu uma mobilização intensa da população em torno da participação do país no campeonato. Os motivos foram apontados por Freyre no artigo *Foot-ball Mulato*, publicado no dia 17 de junho de 1938 no *Diário de Pernambuco*: “[...] Uma das condições de nosso triunfo, este ano, me parecia a coragem, que afinal tivéramos completa, de mandar à Europa um time fortemente afro-brasileiro. Brancos, alguns, é certo; mas em grande número, pretalhões bem brasileiros e mulatos ainda mais brasileiros” (FREYRE, 1938, p. 4).

As colocações de Freyre ecoaram na imprensa e no meio acadêmico e a Copa do Mundo da França é apontada como um marco inicial da seleção nacional como representante da nação.

O ano de 1938 é assim o marco histórico, se precisamos de um, da descoberta do Brasil como o “país do futebol”, unido de modo nacional à noção de brasilidade emanada de sua seleção em campos estrangeiros, jogando com características próprias e que, com o tempo, se tornariam indissociáveis da própria definição que o brasileiro faria de si mesmo (GUTERMAN, 2009, p. 84).

A partir do momento em que 11 jogadores em campo representavam um país, a expectativa criada na população foi alta. Incentivados pelo Governo Vargas, as repartições públicas e o comércio encerraram o expediente mais cedo e foram colocadas caixas de alto-falantes em praças e locais de grande aglomeração de pessoas. A narração de Gagliano Neto inaugurou a cobertura radiofônica em Copas do Mundo e transformou um jogo do Brasil no evento da Fifa em uma grande festa. O seguinte trecho do jornal *A Noite* mostra como a cidade alterou seu cotidiano para acompanhar a partida contra a Tchecoslováquia, no dia 13 de junho de 1938.

E o jogo começou. Os grupos começaram a engrossar. E cada vez mais numerosos, porque os rádios surgiram ninguém sabe de onde. Ao longo da Avenida e das ruas centrais, num rápido passeio que fizemos, observavam-se aspectos dos mais interessantes. Havia aparelhos de rádio dentro e fora de estabelecimentos comerciais, nas janelas de escritórios e de casas de residência. Não raro, em torno de um automóvel onde funcionava um rádio, havia também uma pequena multidão. Pelas ruas, o número de transeuntes cada vez era menor. Bondes e ônibus trafegando vazios. Muitos estabelecimentos fechados. A vida da cidade se tinha paralisado. [...] E realmente assim foi.

Desde que começou o jogo que, praticamente, toda a população se concentrou em torno dos rádios. As repartições públicas e numerosas casas comerciais encerram ou suspenderam seus serviços desde a hora do almoço. [...] As cenas que se observavam eram curiosíssimas. Nos cafés, todas as mesas ocupadas, acompanhava-se com o maior interesse o jogo. Nas ruas, ao longo das calçadas, subindo às portas, janelas e árvores ou sobre os automóveis, a “torcida” se manifestava vivamente. Havia aplausos e palmas. Explodiam “cabeças de negro” e foguetes (*A Noite*, 14 jun. 1938, p. 2).

Nota-se que as grandes aglomerações formadas para acompanhar o jogo indicam alguns elementos da festa que constantemente aparecerão a cada quatro anos, principalmente nos dias de jogos do Brasil. São esses elementos que abordaremos a seguir.

### A COPA DO MUNDO COMO FESTA

A festa pode ser entendida como união da sociedade, um ritual que mantém o elo do grupo. Neste artigo, entendemos que a cada vez que se faz uma festa em torno de um jogo do Brasil durante uma Copa do Mundo, se reafirmam os elos de construção de nossa nação em torno do futebol e atualiza-se sua importância na sociedade. Não há propriamente a sociedade feita, mas o fazer-se sociedade e, nesse sentido, a festa ajuda a moldar, rejuvenescer, revigorar e inovar os laços que unem as pessoas.

Na festa se estabelece um vínculo social, sendo importante e fundamental o estar-junto, o sentimento de partilhar, principalmente os elementos representativos do rito festivo. Durante um jogo do Brasil, as pessoas partilham não só emoções e sentimentos semelhantes, mas também elementos que representam a seleção, como o verde e amarelo, que podem estar presentes tanto na vestimenta como em pinturas no corpo exposto. Dessa forma, se criam imagens e símbolos para a festa. “Os símbolos nascem no grupo, eles permitem igualmente o sentimento que o grupo nutre por si mesmo. O símbolo é a causa e o efeito de toda a vida societal.” (MAFFESOLI, 2005, p. 14). Para Perez, a festa pode ser entendida como “forma lúdica de sociação e como um fenômeno gerador de imagens multiformes da vida coletiva, buscando mostrar como o vínculo social pode ser gerado a partir da poetização e da estetização da experiência humana em sociedade” (2002, p. 17). Durkheim (1985) indica que a efervescência é uma forma de estabelecimento do vínculo coletivo. Maffesoli aponta que essa vontade de estar junto, da re-aliança nada mais é do que “a espantosa pulsão que incita a buscar-se, a reunir-se, a render-se ao outro.” Mais do que isso, “a festividade é, portanto, a recordação do primitivo, que é a base do estar-junto.” (MAFFESOLI, 2012, p. 236). Perez define os três elementos fundamentais de uma festa:

A festa é antes de mais nada e acima de tudo um ato coletivo extraordinário, extratemporal e extralógico. Significa dizer que a condição de festa é dada pela confluência de três elementos fundamentais, interdependentes um do outro, que se confundem uns com os outros, a saber: um grupo em estado de exaltação (leia-se fusão coletiva e

efervescência) que consagra sua reunião a alguém ou a uma coisa (toda festa é sacrifício) e que, assim procedendo, liberta-se das amarras da temporalidade linear e da lógica da utilidade e do cálculo, pois a festa é uma sucessão de instantes fugidios, presididos pela lógica do excesso, do dispêndio, da exacerbação, da dilapidação (PEREZ, 2002, p. 19).

Analisando esses três pontos, percebemos que a Copa do Mundo é, sim, um ato extraordinário. A ordem da cidade e do dia a dia da população se modifica, já que em muitos locais não há expediente de trabalho. Interrompe-se a ordem normal do cotidiano para assistir ao jogo. Outro ponto é a consagração da fusão coletiva. Maffesoli afirma que “a noção de identidade se manifesta na efervescência festiva” (2012, p. 236). Para o autor, “é no e pelo coletivo que todos se satisfazem, satisfação que por sua vez solidifica o bem-estar comum” (MAFFESOLI, 2005, p. 14). As festas populares, o carnaval e outros momentos de efervescência (no nosso caso a Copa do Mundo de futebol) são espaços de invenção, no sentido de fazer vir, encontrar (*in-venire*) aquilo que existe. Além disso, seu caráter de espetáculo assegura uma função de comunhão. O sujeito vai se encontrar no grupo através das festas, vai se reconstruir e se fazer sujeito através do outro, já que a comunhão durante a festa tem um caráter mais intenso por conta das interações sociais estarem muito mais frequentes e ativas durante o período festivo (MAFFESOLI, 1988; 2012)

109

É nesses momentos que o mito se exprime, religando as pessoas em torno da identidade nacional construída na década de 1930 em torno do futebol. A cada Copa do Mundo podemos identificar as características da festa enunciadas anteriormente. A união das pessoas para acompanhar as partidas é mais intensa, ocasionando um estado de exaltação geral em torno da seleção nacional. “Só o fato da aglomeração já age como excitante excepcionalmente poderoso. Uma vez que os indivíduos estão reunidos, emana da sua aproximação uma espécie de eletricidade que os conduz rapidamente a um grau extraordinário de exaltação” (DURKHEIM, 1985) É importante trazermos para a reflexão as ideias de Roger Caillois, que no trecho a seguir aponta para a circulação de riquezas durante a festa:

Em sua forma plena, com efeito, a festa deve ser definida como paroxismo da sociedade, que ela purifica e renova ao mesmo tempo. Ela é o seu ponto culminante não só do ponto de vista religioso, mas também do ponto de vista econômico. É o instante da circulação de riquezas, o dos mercados consideráveis, o da distribuição prestigiosa das reservas acumuladas. Ela aparece como fenômeno total que manifesta a glória da coletividade e a retempera em seu ser (CAILLOIS apud PEREZ, 2002, p. 25).

Não é à toa que presenciamos durante uma Copa do Mundo uma enxurrada de peças publicitárias enfatizando o caráter festivo do evento e reforçando a seleção nacional como representante da nação no torneio. Além disso, observam-se também nesse mesmo contexto mudanças em vitrines de lojas e até nos artigos encontrados em camelôs: todos com o Brasil e Copa do Mundo como tema.

A festa no Brasil tem características peculiares. A miscigenação, já abordada neste artigo como fator diferencial no futebol nacional, também aparece

como elemento que proporciona às festas brasileiras um caráter próprio. É sabido que no país coexistem várias formas diferentes de civilização. Thiago Maranhão frisa a importância das manifestações festivas no Brasil para se colocar a mestiçagem em evidência.

A identidade brasileira, a partir de uma perspectiva cultural, foi construída sobre a base de uma série de trocas simbólicas em que um dos principais protagonistas foi o mulato/negro de origem africana. Em um curto espaço de tempo a figura do negro afro-brasileiro surge a partir da humilhação contínua (que lida com a escravidão, perseguições, torturas, marginalização social etc.) para ocupar um espaço diferente no folclore e na cultura popular da nação. E as manifestações lúdico-festivas como o Samba, o Carnaval e o Futebol constituíram o espaço privilegiado para realizar essa transformação, ou invenção (MARANHÃO, 2011).

Essa mestiçagem gera uma hibridação de códigos, formando um multiuniverso brasileiro. Como exemplo, podemos citar a festa religiosa da Nossa Senhora dos Navegantes, que se mistura sem nenhuma distinção com a celebração a Iemanjá. Essa pluralidade pode ser entendida como o “Dionísio nos trópicos” (PEREZ, 2002, p. 44), em que se relacionam lado a lado o lírico, o passional, enfim, o carnaval. É o orgasmo presente na sociedade em evidência durante a festa (MAFFESOLI, 2012). Bakhtin define o carnaval como “uma forma concreta (embora provisória) da própria vida”, que não é só representada, mas também vivida enquanto dura o carnaval. O carnaval é “um modo particular de existência”, mais especificamente ainda, é a “segunda vida do povo, baseada no princípio do riso, sua vida festiva” (apud PEREZ, 2002). Perez indica o carnaval como um exemplo do caráter híbrido das nossas festas populares:

A festa brasileira, carnal e orgiástica, é uma das melhores evidências do caráter híbrido de nossa sociedade e de sua maneira de operar através do entrecruzamento de códigos e registros. A festa, coisa pública e domínio da rua, favorece a mestiçagem à medida que provoca uma quebra no encadeamento dos determinismos (PEREZ, 2002, p. 51).

Ao invadir as ruas, a festa modifica o espaço urbano. Isso é bastante evidente durante as Copas do Mundo. Percebemos bandeirinhas nas cores nacionais, pinturas em paredes, muros e asfalto, enaltecendo a seleção. O dia de jogo é dia de entusiasmo geral na cidade. As pessoas se reúnem para assistir-lhe, levando comidas, bebidas, realizando uma troca de banquetes característica da festa, participando do corpo coletivo. Praças e locais de domínio público são apropriados pela festa, que proporciona o encontro de pessoas diferentes e as faz conhecer uma variedade de coisas com que muitas não tinham contato.

O povo na rua, a rua em festa: folia, orgia, fantasia, sedução, violência, transgressões de toda ordem combinam-se a um clima geral de afetividade, de familiaridade, de encontro, compondo uma maneira singular de estar coletivamente que age pela via da carnavalização ou, dizendo de modo ainda mais claro, da barroquização (PEREZ, 2002, p. 51).

Músicas embalam os encontros, roupas com destaque para o verde e amarelo são as preferidas dos torcedores e, na maioria das vezes, os fogos de artifício são essenciais para comemorar a vitória.

O super espetáculo que o Brasil oferece ao mundo durante o carnaval corresponde a esta preferência pelo aparato, por tudo o que é feito de luxo e brilho, que se manifestou no país desde os tempos antigos da colonização e se expressou no qualificativo teatral, que implicavam ações de aspectos extraordinários, animados, movimentados. Isto é visível no gosto pelos espetáculos, religiosos ou laicos, que pontuam a vida brasileira e que tiveram sempre lugar, nos primeiros tempos da colônia, nas praças e nas ruas (QUEIROZ apud PEREZ, 2002, p. 44).

Desde 1938, como vimos, este objeto (a seleção nacional) foi encontrado no caminho da celebração do que é ser brasileiro, como uma identidade nacional. Se cada festa preenche uma função precisa num meio preciso, festejar as vitórias do Brasil durante a Copa se tornou algo inerente a nossa cultura e ajudou na consolidação do futebol como identidade nacional. A festa proporciona o espetáculo societal, acentuando o sensível.

O jogo do Brasil na Copa do Mundo é um momento ritual, que deve ser compartilhado em grupo, ainda mais se for em um domingo e se a partida decidir a Copa. Após a vitória sobre a Holanda, nas semifinais, o ufanismo tomou conta da mídia, influenciando multidões de torcedores rumo ao mais desbragado patriotismo (GASTALDO, 2004, p. 6).

111

Gastaldo indica a mídia como influenciadora do patriotismo. Concordamos com Helal (2011, p. 95) e entendemos que é importante refletir sobre o papel da imprensa esportiva como formadora de cultura, para que possamos observar como os jornais ratificam e constroem mitologias e discursos identitários, apesar da objetividade jornalística, que se constitui um dos pilares da profissão. Para isso, analisaremos, a seguir, como os jornais abordam a Copa do Mundo como a festa da nação.

#### ABORDAGEM MIDIÁTICA DA COPA DO MUNDO COMO FESTA DA NAÇÃO

“Vivemos na recordação de uma festa e na expectativa de outra” (PEREZ, 2002, p. 25). A frase é bem elucidativa quando falamos no papel da imprensa nas coberturas da Copa do Mundo. Constantemente os jornais visam rememorar as últimas festas e criar uma ansiedade para a próxima, o que nos remete a Charaudeau: “O discurso de informação é uma atividade de linguagem que permite que se estabeleça nas sociedades o vínculo social sem o qual não haveria reconhecimento identitário” (CHARAUDEAU, 2010, p. 12).

Neste artigo, vamos procurar identificar como os jornais constroem esta ideia de festa durante a Copa do Mundo. Desde 1938, o país paralisa suas atividades para festejar a nossa participação no torneio. Em 1950, com a derrota para o Uruguai por 2 a 1, em pleno Maracanã, a festa deu lugar a um velório nacional. Em 1958, um clima de euforia e ufanismo pode ser observado, em razão do nosso primeiro título. Tais oscilações nos mostram que as emoções

durante as Copas do Mundo são sempre mais excessivas. Se vencer é a glória, perder é a tragédia. O excesso, característico da festa, fica evidente nas participações brasileiras nas Copas do Mundo. É possível observar essa exacerbação como uma gangorra, oscilando sempre em extremos, seja em momentos de alegria, seja em outros de tristeza ou fúria.

Como recorte temporal, escolhemos a edição do *Jornal do Brasil* do dia 19 de junho de 1962, logo após a conquista do bicampeonato mundial pela seleção. Tal data receberá nossa maior atenção por ter sido uma Copa do Mundo em que o Brasil confirmou as expectativas, vencendo pela segunda vez seguida o torneio e consolidando-se como a “pátria de chuteiras”. Comemorar e festejar o sucesso dos 11 brasileiros no Copa do Mundo do Chile era, para cada brasileiro, comemorar o seu próprio êxito.

O Brasil venceu a Copa no dia 17 de junho, em um domingo; entretanto, como o *Jornal do Brasil* não circulou na segunda-feira, as informações sobre a festa da vitória e, principalmente, a chegada dos jogadores tiveram ampla repercussão no dia 19 de junho. Foram dez páginas dedicadas ao bicampeonato. A capa do jornal trouxe a seguinte manchete: “Rio recebeu a seleção com sua maior festa” (*Jornal do Brasil*, 19 jun. 1962, p. 1) No corpo do texto, havia a seguinte reportagem:

Com uma explosão de alegria que durou várias horas – e que superou alguns pontos da Avenida Rio Branco, os momentos de maior entusiasmo já vividos pela Cidade, até mesmo no carnaval – o Rio recebeu ontem os bicampeões de futebol do mundo. Holofotes do Exército postados nos dois extremos – Praça Mauá e Praça Paris – iluminaram a maior e mais espontânea manifestação já prestada a alguém pelos cariocas. Os jogadores chegaram ao Galeão, vindos de Brasília, às 20h25, onde 50 mil pessoas, postadas na área fronteira ao aeroporto, os receberam com aplausos e foguetes. [...] Horas antes, em Brasília, o Presidente João Goulart fora empurrado no aeroporto pela multidão que acorrera ao desembarque dos jogadores. No Palácio da Alvorada, a multidão avançou sobre Garrincha, contundindo-o no pé. O Presidente do Supremo Tribunal Federal, Ministro Lafaiete de Andrada, após obter um autógrafo de Mané, disse-lhe: – Obrigado. Sinto-me privilegiado por poder abraçar o maior jogador de futebol do mundo (*Jornal do Brasil*, 19 jun. 1962, p. 1).

Somente esta primeira reportagem já é rica o suficiente para corroborar a ideia enuciada neste artigo. A própria manchete já coloca a recepção e as comemorações após o título como uma festa. No texto, encontramos elementos que indicam a exaltação e o entusiasmo da população. Na festa, rompe-se com o modo de vida do cotidiano, cria-se um outro mundo, uma nova ordem, onde o indivíduo se sente amparado e transformado por forças que o ultrapassam. Como exemplo de tal característica, vemos a multidão empurrando o presidente da República, algo que em qualquer outro contexto não seria um fato “normal”; no entanto, na festa, tudo é permitido, os excessos acontecem, até mesmo contundir Garrincha. Outro elemento é o fato de o presidente do Supremo Tribunal Federal pedir autógrafo a um jogador de futebol e abraçá-lo, o que também funciona, a nosso entender, como uma quebra da ordem cotidiana, ou seja, a interrupção do tempo comum.

Na página 10, a associação do futebol ao carnaval foi amplamente explorada nas reportagens: “Avenida fez carnaval para receber os bicampeões” (*Jornal do Brasil*, 19 jun. 1962, p. 10). O jornal afirma que mais de meio milhão de pessoas foram saudar os jogadores do Brasil na avenida Rio Branco, “na mais delirante recepção de que se tem notícia no Rio de Janeiro: milhares de fogos de artifício espocavam no ar, enquanto das sacadas caíam toneladas e toneladas de papel picado, transformando o asfalto num imenso tapete branco” (*Jornal do Brasil*, 19 jun. 1962, p. 10).

Na mesma reportagem, fala-se que a festa em 1962 excedeu a de 1958 e que o cortejo que parou a cidade desde o aeroporto Galeão foi diversas vezes interrompido “porque o povo, em seu entusiasmo, punha-se em frente das viaturas e impedia a ação dos batedores” (*Jornal do Brasil*, 19 jun. 1962, p. 10). Seis bandas de música foram responsáveis por, ao longo do trajeto, transformar o cortejo em uma verdadeira festa.

Na mesma página, outra reportagem tinha como título “Blocos cantaram na Av. Rio Branco lotada as glórias dos bicampeões” (*Jornal do Brasil*, 19 jun. 1962, p. 10). O conteúdo mostra que tradicionais blocos carnavalescos do Rio desfilaram na avenida, cantando músicas alusivas à conquista da seleção, transformando a cidade em carnaval. Em outra reportagem, o jornal conta que uma música, a marcha Brasil Bicampeão, de autoria do padre Ralfy Mendes e gravada pelos Pequenos Cantores da Guanabara, atingiu a marca de oito mil cópias vendidas, confirmando a citação anterior de Caillois, ao falar da circulação de riquezas como elemento da festa. “Marchinha do bi vendeu oito mil discos desde que Brasil foi ao Chile” (*Jornal do Brasil*, 19 jun. 1962, p. 10).

A narrativa midiática relaciona, mais uma vez, a celebração da conquista com o carnaval: “Pau Grande recebe com carnaval a Garrincha, que vai jogar domingo” (*Jornal do Brasil*, 19 jun. 1962, p. 10). Pau Grande é a cidade natal de Garrincha, eleito o melhor jogador da competição. No corpo da matéria, relatos da festa em Pau Grande, que teve muita bebida, aglomeração de pessoas e música.

A festa brasileira pelo título também ganhou adeptos no atual país-sede da Copa: “Santiago viu carnaval e saiu às ruas para gritar *Viva Brasil!*” (*Jornal do Brasil*, 19 jun. 1962, p. 13). O conteúdo da reportagem revela que, terminado o jogo do Brasil contra a Tchecoslováquia, torcedores brasileiros saíram às ruas de Santiago e improvisaram um carnaval, sendo seguidos por milhares de chilenos que entraram nos festejos com gritos de “Viva Brasil!” (*Jornal do Brasil*, 19 jun. 1962, p. 13). Neste caso, a vontade de estar junto abordada por Maffesoli, já citada anteriormente, fica clara.

Já a reportagem assinada por Luís Edgar de Andrade, correspondente do *Jornal do Brasil* em Paris, demonstra que a mesma vontade de unir, presente no Brasil e no Chile, foi vista nos brasileiros que moravam na França: “Brasileiros em Paris sambaram o bi nas ruas” (*Jornal do Brasil*, 19 jun. 1962, p. 11). A matéria

cita elementos típicos da brasilidade, como o samba e o carnaval, indicando que a festa na França teve os mesmos elementos da festa em território nacional.

Cerca de 200 estudantes brasileiros reuniram-se à tardinha nos gramados da Cidade Universitária, a fim de ouvir juntos, em rádios transistores de onda curta, a transmissão da partida decisiva, em Santiago do Chile. Logo após o término do jogo, improvisou-se um cordão carnavalesco, que percorreu as alamedas da Cidade Universitária, onde se realizava um *garden party* com a presença de milhares de pessoas. Os brasileiros conduziam uma faixa explicando as razões da comemoração: *Brésil deux fois champion du monde*. À meia-noite, o grupo juntou-se aos passistas do *skindô* e dali partiu em passeata ao longo da avenida, até alcançar as proximidades do Arco do Triunfo. Os sambas e frevos, entoados com a maior alegria e acompanhados de seus passos característicos, surpreenderam os parisienses que saíam dos cinemas (*Jornal do Brasil*, 19 jun. 1962, p. 11)

Para Bataille (1973), é impossível falar em festa sem falar do sacrifício e do sagrado. O sacrifício de um cidadão carioca foi notícia no *Jornal do Brasil*: “Cidadão fez promessa, acertou no bolo e foi ajoelhado até a igreja” (*Jornal do Brasil*, 19 jun. 1962, p. 10). O penitente foi um morador de Copacabana, Omar Perez, que apostou três meses de ordenado na vitória do Brasil por 3 a 1. Acertando em cheio o placar, no meio da festa andou de joelhos do Posto 6 até a igreja de Santa Teresinha, para pagar a promessa. O sagrado também esteve presente nas notícias: “Na imprensa de Londres, time do Brasil é deus e Amarildo, o seu profeta” (*Jornal do Brasil*, 19 jun. 1962, p. 13). Tratar o time do Brasil como deus, idolatrar os jogadores campeões como santos nos remete à visão de Durkheim, que percebe semelhanças entre a cerimônia religiosa e a festa:

Toda festa, mesmo que seja puramente laica por suas origens, tem certos caracteres da cerimônia religiosa, pois, em todos os casos, ela tem como efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar, assim, um estado de efervescência, às vezes até de delírio, que não deixa de ter parentesco com o estado religioso (DURKHEIM apud PEREZ, 2002, p. 23).

Esse estado religioso colocado por Durkheim pode ser observado na festa da Copa do Mundo. A mistura entre sagrado e profano é constantemente vista entre os torcedores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, concordamos que a noção de identidade se manifesta na efervescência coletiva. Essa fusão entre as pessoas durante as Copas do Mundo alimenta a ideia do futebol como identidade nacional, da seleção como símbolo da pátria e, ao longo dos tempos, serviu para reatualizar essa identidade. Ao acentuar o afetivo e o sensível, a festa se torna o momento ideal para rever, pensar, romper ou continuar os vínculos que nos unem em sociedade.

A mestiçagem, tão presente em nosso futebol, também emerge nas festas nacionais, tornando os dois mais próximos e mais aglutinadores da identidade nacional construída na década de 1930. Ao se falar da festa durante a Copa

do Mundo, as narrativas midiáticas enaltecem esses elementos, incorporando outros que também ajudam a construir a ideia de Brasil, como o carnaval. Essa hibridação foi identificada nas reportagens analisadas. Ao citar que os blocos carnavalescos invadiram as ruas, mostra-se que a Copa do Mundo se assemelha à nossa maior festa: o carnaval. Além disso, a vontade de religar também se apresentou nos jornais. Os brasileiros na França fizeram a festa “*à la brasileira*”, mostrando nossa identidade com carnaval, frevo e samba, mesmo que seja dançado e festejado em outro território, misturando-se a um cenário não nacional e resignificando os locais por onde passaram.

A Copa do Mundo tem um caráter festivo no Brasil. Suspeitamos que por esse motivo a exaltação em torno da nossa seleção é mais evidente durante esse período. Uma derrota no campeonato promovido pela Fifa é mais doída, do mesmo modo que uma vitória é comemorada ao extremo. São os elementos importantes da festa, aliados à construção do futebol como identidade nacional, que fazem esse evento tão significativo em nosso país.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Antonio Teixeira de; JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A elaboração do projeto de pesquisa. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). *Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

BARTHOLLO, Thiago Lisboa; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. Mané Garrincha como síntese da identidade do futebol brasileiro. In: HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. *Futebol, Jornalismo e Ciências Sociais: Interações*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

BATAILLE, Georges. *Théorie de la religion*. Paris: Gallimard, 1973.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

DURKHEIM, Emile. *Les formes élémentaires de la vie religieuse*. Paris: PUF, 1985.

FRANZINI, Fábio. *Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938)*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FREYRE, Gilberto. Foot-ball mulato. *Diário de Pernambuco*, Recife, 17 jun. 1938, p. 4.

GASTALDO, Édison Luis. Copa do Mundo no Brasil: a dimensão histórica de um produto midiático. *Comunicação & Sociedade*. São Bernardo do Campo: PósCom/Umesp, n. 41, p. 115-133, jan.-jul. 2004.

GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo: Contexto, 2009.

HELAL, Ronaldo. Mídia, construção da derrota e o mito do herói. In: \_\_\_\_\_; SOARES, A. J.; LOVISOLO, H. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HELAL, Ronaldo; GORDON, César Júnior. Sociologia, História e Romance na construção da Identidade Nacional através do futebol. In: HELAL, R.; SOARES, A. J.; LOVISOLO, H. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HELAL, R.; SOARES, A. J.; LOVISOLO, H. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2004. v. 1.

LOVISOLO, Hugo. Saudoso futebol, futebol querido: a ideologia da denúncia. In: HELAL, R.; SOARES, A. J.; LOVISOLO, H. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

MAFFESOLI, Michel. *O conhecimento comum*: compêndio de sociologia compreensiva. São Paulo: Brasiliense, 1988.

\_\_\_\_\_. *A sombra de Dionísio*: contribuição a uma sociologia da orgia. 2. ed. São Paulo: Zouk, 2005.

\_\_\_\_\_. *Homo eroticus*: des communions émotionnelles. Paris: CNRS, 2012.

MARANHÃO, Thiago. O mulatismo flamboyant: apropriações do futebol como expressão da formação social brasileira. XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2011, São Paulo: USP, *Anais...* jul. 2011.

PEREZ, Léa Freitas. Antropologia das efervescências coletivas. In: PASSOS, Mauro (Org.). *A festa na vida*: significado e imagens. Petrópolis: Vozes, 2002.

RIBEIRO, Luiz Carlos. Brasil: futebol e identidade nacional. *Lecturas, Educación Física y Deportes*, Buenos Aires, ano 8, n. 56, jan. 2003. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd56/futebol.htm>>. Acesso em: 20 mar. 2010.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves; LOVISOLO, Hugo. Futebol: a construção histórica do estilo nacional. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 25, n. 1, p. 129-143, set. 2003.

117

SOARES, Antonio Jorge G.; BARTHOLO, Tiago L.; SALVADOR, Marco S. A imprensa e a memória do futebol brasileiro. *Rev. Port. Cien. Desp.*, Porto, v. 7, n. 3, dez. 2007.

SOUZA, Denaldo Alchorne. *O Brasil entra em campo*: construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947). São Paulo: Anablume, 2008.

#### PERIÓDICOS

*A Noite*, Rio de Janeiro, 14 jun. 1938.

*Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19 jun. 1962.